

Comentarios sobre

As antiteses da personalidade de Humberto de Campos

(por Almerindo Martins de Castro)

A observação dos acontecimentos da vida quotidiana, em todos os setores da atividade social, feita sem o exclusivismo dos prévios pontos de vista de qualquer doutrina, convida o espírito humano a arrojados paralelos entre as cousas grosseiramente materiais e aquelas que dizem com a Alma, jungidas embora ás pesadas contingencias da existência terreal.

Da fecunda treva do subsólo se extrae, inerte e frio, o carvão mineral; mas, basta que entre em combustão, para transformar-se em calor e luz, energias alimenticias das fornalhas que movem os dínamos das usinas elétricas, ou acionam as turbinas dos gigantescos transatlânticos.

É a deslumbrada inteligência humana, contemplando êsse corriqueiro fenômeno da vida de cada dia, permanece ignorante dos processos recônditos que estratificam claridade, calor, fôrça, na negrura álgida e imóvel de um lençol de carvão incrustado nas entranhas da Terra.

Assim também, nos subterrâneos do sêr existe a riqueza espiritual de uma Alma que permanece inerte e fria, antes de trazida á plenitude de sua expansão, na entrosagem da vida, tornando-se capaz de derramar claridades e energias no ambiente social — de que é partícula integrante.

O mundo é uma ciclópica oficina de labores diversísimos, onde cada indivíduo tem a sua parcela de trabalho, de acordo com os conhecimentos e aptidões morais adquiridos, trazendo, por isso, para cada tarefa, o cabedal aprimorado em uma ou em muitas existências.

As hierarquias, que tanto impressionam os incientes das leis espirituais, não influem para desempenho dos encargos individuais assumidos pelo Espírito á face do seu Destino pré-traçado.

Não ha muito, quando, por entre retumbancias telegráficas, era anunciado ao orbe que o ilustre Guilherme Marconi realisára o milagre de iluminar á distancia determinado local provido de lâmpadas elétricas, ocorria aqui, no Brasil, idêntico prodígio — levado a efeito por um despretençioso cidadão, tão patriota quanto Marconi, porém despido de auréolas, e sem os exaustivos estudos

que por mais de meio século fez o cientista italiano.

O Gênio se esconde muitas vezes, pelas contingentes necessidades da reincarnação do Espírito, em ambientes e criaturas sem qualquer vestígio de valor intelectual, ou carecedores de todos os elementos assecuratorios do exito na vida social.

Nenhum melhor exemplo de tal evidência do que o oferecido pelos talentos literários.

Muitas dessa glórias nasceram anônimas, desconhecidas viveram, até que explodiram em vulcões de luz e beleza.

Todos os indícios da vida de Humberto de Campos mostram que êle foi a reincarnação de um notavel cultor das letras clássicas. O contraste entre o intellecto pigmeu da infância e o talento gigante da idade adulta é bem eloquente.

Buscando Humberto de Campos desde a primeira meninice, não se lhe assinala, na vida trabalhosa e árida de órfão pobre, nenhum ensejo de haurir e acumular conhecimentos que o elevassem acima do nivel normal dos escritores e, por isso, lhe servisse de credencial para ingressar no ról dos consagrados da literatura ou do jornalismo nacionais.

Mas, germinando espontaneamente, dos recônditos onde dormitava a preciosa hulha de formação remota, o seu Espírito, a tempo, emergiu no homem o que o menino humilde e paupérrimo não tivera oportunidade de exteriorisar.

Lendo-se o comentário e a crítica nos seus

escritos, percebe-se, sem esforço, uma erudição que revela fundas raízes no critério filosófico dos antigos, alicerçado na observação exata dos homens e das cousas.

Referindo-se a determinado indivíduo ou a qualquer trabalho ou acontecimento que lhe merecesse atenção e comentário, Humberto de Campos traçava conceitos acima do comum, espelhando o amadurecimento do espírito de crítica e a segura visão de quem muito vivêra, muito observara e muito conhecia, — tudo contrastando com a escassa instrução humanística que se lhe atribuiria com justiça.

Ainda assim, contemporâneo de uma época de dinamismo febril, quando a multiplicidade dos assuntos e as contingências da luta pela subsistência não permitia ao indivíduo aprofundar o estudo, o critério, a classificação perfeita dos eventos quotidianos, fez o milagre de conservar-se notável dentro do mediocrismo atabalhado dos que necessitam pensar e escrever enquanto o estomago faz a digestão de magras refeições.

Aliás, a história de todos os povos antigos e modernos está repleta de exemplos, a confirmar que muitos dos gênios das letras e das artes despontam de criaturas de infância humilde, e, não raro, de vocação desconhecida e contrariada.

Humberto de Campos, órfão ao primeiro lustro de idade, teve a criação rústica, rebelde, defeituosíssima, tão comum nos nascidos em vilarejos

do interior brasileiro, atrofiado pelos máus exemplos, pela linguagem viciada e baixa, grosseira e suja, pelos conselhos malsãos, pela agressividade das atitudes dos valentões da faca á cinta; aprendiz de alfaiate, e depois de tipógrafo, e afinal empregado sem categoria no comércio vilão; aluno primário de escolas onde aprendeu rudimentos; tais os valores negativos que recebeu para entrar na vida — que devia seguir — dentro do seu Destino de gloria dolorosa e cheia de penúrias.

Tudo a confirmar que o Espírito orgulhoso, autoritario, flagelador, ancho do seu saber, — quando volta a resgatar o passado de culpas, não podendo apagar o cabedal de conhecimentos adquiridos, imerge na obscuridade de uma família ou de um ambiente, onde os impulsos inatos sejam castigados rudemente, onde tenha oportunidade de abater o orgulho, onde a instrução lhe seja penosa de adquirir, — até vencer o estágio de provação, e, então, bem empregar os cabedais que foram instrumento de amarguras em outras existências.

Benevenuto Celini, que deveria incorporar-se á galeria dos maiores artistas da ourivesaria, começou a ganhar o sustento tocando trompa, ao lado do progenitor, em um bando de músicos; Antonio Cànovas, o grande escultor, pauperrissimo, obteve a proteção do opulento João Faliéro por haver modelado um leão em manteiga, na cosinha do palacio dêsse senador Romano, isso para tirar de apuros o cosinheiro a quem o senhor exigira

um prato que, pela sua absoluta originalidade, deslumbrasse os convivas — mostrando-lhes a excelencia da cosinha do anfitrião.

Martinho Lutéro, eminente entre os maiores homens do seu século, era filho de um rude operário mineiro, e muitas vezes comeu pão de esmola, a cantar nas ruas com outros condiscipulos pobresinhos, para poder frequentar as aulas onde estudava — distante e sem auxilio dos pais.

Mas, mesmo sem necessidade de recuar a tempos mais ou menos remotos, podemos encontrar semelhantes casos em artistas que se celebriaram em dias contemporâneos e com a contribuição dos nossos sinceros e calorosos aplausos.

Tita Rufo, que teve o cetro de maior e mais célebre dos barítonos hodiernos, foi despedido do Conservatório Santa Cecilia, de Roma, depois de vinte quatro meses de estudo, porque, no entender dos seus professores, não possuía suficiência vocal para cantar óperas.

Enrico Caruso, o tenor que mais se elevou social e artisticamente em nossos tempos, era paupérrimo de origem e trabalhou feito aprendiz de mecânico — antes que sua voz, exibida nas igrejas aldeãs, lhe abrisse as portas da carreira em que tanto fulgiu. Outros ilustres só o foram depois de algo avançados em idade, caso que La Fontaine documenta eloquentemente.

Oliverio Goldsmith muito lutou e muito sofreu, nas mais variadas profissões, antes que con-

quistasse a gloria literária.

Entre as eminências da política mesmo, basta lembrar o cardeal Julio Mazarini (Mazarin, depois de naturalizado francês) que, antes de elevar-se aos justos lauréis de estadista, foi um dos mais impenitentes jogadores do seu tempo, tendo despedido a empenhar peças de roupa — no intuito de conseguir dinheiro para jogar.

Mas, o essencial a salientar em todos esses casos de predestinação num determinado rumo de atividade, é o traço indicador de uma força propulsora, incognita, que leva, afinal, a creatura ao verdadeiro setor da ação que deve exercer.

As idéias inatas, a propensão para determinados rumos na existência, os cabedais surgidos inopinadamente, sem que correspondam á aparente modestia dos recursos intellectuais do indivíduo, tudo indica que o sêr humano tem no Espirito um grande reservatório de conhecimentos e experiências de outras vidas, dos quais se serve para completar o seu estágio evolutivo — quando reincarna de novo no orbe terraqueo.

As figuras dos Humberto de Campos deixam sempre perceber o sulco luminoso aberto pelo seu reservatório de recursos espirituais; mas, o preconceito que reveste as cousas da Alma com as amiantadas vestimentas da intolerancia religiosa, não permite que os contemporâneos lhes possam medir a grandeza da missão que desempenham no seu tempo e na sua especialidade de trabalho.

Si melhor observada a condição do Espírito que reincarna, porque precisado de novos estágios de ascése, facil se tornaria compreender a razão de certas falencias, principalmente daqueles que se afundam no paúl dos vícios anemisantes ou destruidores da saude e do próprio corpo, — tudo ligado ás condições de existencias anteriores, élos muitas vezes formidaveis — que a creatura necessita quebrar, empregando desesperados e herculeos esforços.

Os grandes talentos que se deixam estiolar nos desperdícios da embriaguez, evadidos do bom-senso, nômades da moral, são, em regra, Espíritos insuficientemente preparados para lutar contra tendencias ligadas á anterior incarnação, e contra a influencia, os arrastamentos dos Espíritos errantes que vivem em busca de mediuns (instrumentos) para realisação de seus desejos ou paixões.

Daí o espetáculo contristador que oferecem certas privilegiadas inteligências, meio afogadas no eclipse dos entorpecentes, patenteando — nos intervalos de lucidez — quando a influencia perturbadora se afasta, os prodígios de uma arte que as immortalisa pelo decurso dos séculos sucessivos.

Quantas obras-primas de talento teriam legado as cerebrações gêmeas de Alvares de Azevedo, sem a transbordante boemia que as conduziu á tuberculose ou á cirrose do figado?

Poder-se-á medir o fulgor que teria tido

para as letras brasileiras a época sem rival em que medrassem — sem desregramentos de alegrias displicentes — os talentos de Paula Nei, no curso de medicina; Guimarães Passos, na poesia; José do Patrocínio, no jornalismo; Lima Barreto no romance?

E' o exemplo típico dêsse tão apontado Edgar Poë, que bebia por impulso, e depois passava longos intervalos sem ingerir qualquer porção de alcool, para voltar, a cada novo assédio do seu obsessão, ao mesmo exagero de deglutir mecanicamente a dosagem determinada pelo apetite do momento.

Guilherme Amadeu Hofman, sob influencias mais sibaritas, emborrachava-se de vinhos superiores, e sentia — embora inciente do fenómeno, a ação de algo que o atormentava, que lhe pesava no cérebro, na Alma, de modo a deixar-lhe a sensação de alivio — quando se retirava. A' falta de expressões que caracterisassem o aspecto mediúnico da perturbação, Hofman, a cada conto que escrevia, acreditava sentir alivio correspondente a uma "purga intelectual", uma espécie de sangria que lhe desimpedisse o cérebro.

Mas, também inteligências equilibradas dentro da cultura e das eminencias científicas sofrem os influxos poderosos dos Espíritos do Além, de modo a testificar o inevitavel e permanente intercambio de sentimentos e de idéias entre os seres que se atraem ou se repelem, coerentes com as leis

das afinidades, ligadas a outras da interpenetração da vida universal.

Jerônimo Cardan, um dos maiores matemáticos do seu século, médico, filósofo, e astrólogo, foi um exemplo vivo de mediunidade polimórfa.

Escrevendo sobre física, astronomia, química, moral, história; viajando uma parte da Europa, a tirar horóscopos; empenhando-se em polémicas transcendentais para aqueles tempos, deixou espelhado em todo êsse percurso o traço das incoerências a que era arrastado, segundo as influências perturbadoras que vinham estender sombras sobre as luminosidades recebidas de outras fontes mais elevadas.

Tendo vulgarizado processos algebricos que chegaram até nosso tempo (inclusive a chamada fórmula de Cardan, para resolução de equações cúbicas), deixou também o registro de cousas que foram classificadas de infantis.

Outras figuras de relevo na história política, literaria ou artistica deixaram também testemunho e lembrança de dons mediunicos, isto é, de influências estranhas, dessas que a Medicina classifica de nevroses alucinatórias.

Oliverio Cromwel, o que destronou Carlos I e introduziu a República entre os ingleses, era medium vidente e audiente, a quem Espíritos materializados falavam, sendo que um, de gigantesca aparência, lhe predisse seria êle grande figura na Inglaterra.

Videntes foram João Batista van Helmont, o célebre e erudito médico belga (que via até o seu próprio duplo); Biron, que dizia ser visitado repetidas vezes por um espectro; Mozart, que, nos últimos tempos de sua existência, teve a visão de um fantasma que lhe falava da morte proxima e o obrigava a escrever o *Requiem* a ser executado nos funerais dêle próprio, Mozart; Dostoiewski, um indiscutível expoente da literatura slava; Alfredo Musset e muitos outros, largamente estudados nos livros dos especialistas da psiquiatria.

Influências bizarras, dêsse teor, sofreram vários vultos de saliente relevo, da estirpe de Voltaire, Molière, Montesquieu, Malherbe, Chateaubriand.

Napoleão I desesperava-se quando lhe acontecia quebrar um espelho; tinha pavor da sexta-feira e do número treze, e considerava fatídica a letra M. Sabe-se que acreditava na cartomancia, e não desdenhava ouvir a sua pitonisa, Lenormant.

Emilio Zola receiava ser mal sucedido sempre que, ao sair para tratar de alguma cousa, não pisava fóra da porta com o pé esquerdo; Eça de Queiroz tinha o cuidado de entrar nos prédios com o pé direito, e, quando lhe acontecia distrair-se, voltava á rua, reencetava a marcha, para pisar no portal, em primeiro, o pé direito.

Newton, Tasso, Vitor Hugo, Donizeti, Walter Scot, toda uma legião de homens ilustres figura no catálogo dos loucos, maniacos, excentricos,

alucinados, apresentando exterioridades que os estudos médicos tomaram para seu domínio.

No entanto, foram apenas mediuns, dessa imensa classe de desconhecidos, cujos admiráveis trabalhos todos aplaudem, mas sem lhes admitir o intercambio com o mundo dos Espíritos imortais, dêsses de quem Augusto Comte (também dos maiores obsedados de gênio) disse, com inspiração interior: "Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos".

Assinale-se que o Positivismo teve a sua influência na orientação de Humberto de Campos, na época em que leu os mestres do ateísmo, embora sem apreender toda a amplitude filosófica — acima das possibilidades de compreensão dos rudimentar conhecimento científico.

E, nessa milenária falange, que tem trazido às civilizações terrenas as luzes do seu incompreendido gênio, outros Espíritos existem, sem estigmas visíveis de mediunidade espetacular, mas, ainda assim, cumprindo brilhante e fielmente os ditâmes da lei que impõe às consciências o resgate, por sofrimento idêntico, dos males causados em vidas anteriores.

Preparados espiritualmente para a provação de resgate escolhida, êsses lutadores oferecem ao mundo dos contemporâneos o edificante exemplo de uma vida de trabalho, lutas e sofrimento, sempre uniforme na perseverança de enfrentar os óbices e realizar a tarefa.

Sob a pressão moral das desilusões e das dificuldades, gemendo embora sob o guante dos padecimentos, êsses heróis anônimos da glória sofredora marcham sem recuos por entre as pesadas vagas de revôltos vendavais, bem á semelhança das invictas quilhas que cortam as encapeladas superfícies dos mares mais bravios.

Sol que a neblina esconde sob um manto de espessas nuvens, mas, ainda assim, fóco de luz a irradiar claridades; Espírito constricto na mortalha tumular da Carne, mas, embora preso, a entoar os seus cantos de amor á liberdade.

Assim, Humberto de Campos, na singeleza de uma existência que foi de martírios e grandezas espirituais, ao termo da qual se póde constatar que o pedestal de glória que o sagrou — não foi feito de mármore mundanos, mas de lágrimas cristalizadas no recôndito do seu coração angustiado, desde quando, órfão de pai, teve a infância obscura pontilhada de todas as despercebidas humilhações que a pobreza desfolha em pétalas de sarcasmo sôbre a fronte dos desherdados da fortuna.

A sua resignação espontânea ante a fome e o frio não aquietava as fúrias do Destino, que o aguilhoava, num teimoso desafio á alma da criança — ainda incapaz de raciocinar sôbre o porquê das desigualdades e injustiças sociais.

Só a ação misteriosa e recôndita do Espírito,

forte no rumo futuro, poderá explicar a resistência a tantas amarguras.

E' nesse drama silencioso, nesse abandono ao sofrimento, que se deve estudar a foz da verdade das reencarnações dos Espíritos, que vêm resgatar passados de agudas culpas.

Nascido em uma família dividida por malquerenças irremediáveis, coube-lhe o ramo dos pobres, que os do outro não ajudava.

Assim, teve margem para sofrer todas as provações duras e humilhantes, necessárias ao abatimento do orgulho, opulência e vaidade de vidas anteriores, quando possivelmente infligiu a outros as mesmas agruras que veio, em resgate, sofrer, por sua vez.

No íntimo, jazia a Alma corajosa de um grande homem, em novo embrião, mas, na sua infância terrivelmente travêssa, podia ter êle resvalado para dentro do lodaçal dos vícios e dos crimes, em cujos beirais molhou a pontinha dos pés, na sua inexperiência garota e mal vigiada.

Talvez houvesse vivido, inteligência de escól, com o enfatuado sibaritismo dos Médicis ou dos Farnésios, nos fulgores finais da Renascença, dardejando, do alto da sua cultura profunda e sarcástica, as setas aceradas de sátiras ferozes, e castigando sem emoção todos os revoltados das suas cruezas.

Por isso, quiçá, quando de novo afundou no esquecimento carnal de uma nova existência ter-

rena (o Espírito vigilante no cumprimento da prova escolhida — dentro da lei de resgate — dente por dente, olho por olho), foi quasi insensível ás privações, e a sua inteligência não revelou a inata e vigorosa pujança que o Humberto de Campos — homem — mostraria, numa quasi antítese do que fôra na meninice.

Até mesmo no físico, talvez para impossibilitá-lo de reincidir em males que a beleza plástica facilita, êle trouxe um estigma curioso e inexplicável pelas desacreditadas teorias de hereditariedade.

Moreno, cabelo duro, de uma feiura que chamava atenção, grande boca com os dentes um tanto abrutalhados, o próprio Humberto de Campos estranhava e não definia êsse capricho da natureza, pois na família predominava o sangue europeu.

Sua avô era clara, e se sua mãe tinha o moreno característico das brancas nascidas em clima tórrido, qual o do Maranhão, seu pai era do tipo louro do norte europeu, tipo que se notava em todos os irmãos Vêras.

Procurando decifrar o enigma de tais anomalias, êle escreveu, longe de penetrar no fundamento verdadeiro das palavras: "Sou, física, moral e intelectualmente, o produto de quatro ou cinco famílias que o tempo e o meio vêm debilitando, e que se aclimatou, sem se integrar, no ambiente americano. Isso explica, talvez, as ten-

dências disciplinadas e disciplinadoras do meu espírito, a minha paixão pela ordem clássica, e a feição puramente européia do meu gosto. Tenho horror á insubmissão, e á desordem, que assinalam os homens cujos antepassados foram escravos. Vibram, automaticamente, no meu sangue e nos meus nervos, oito séculos de civilização”.

São do Humberto de Campos ou do Espírito reincarnado as intuições de tais idéias remi-niscentes?

O principal traço do seu Espírito Humberto de Campos o sentia talvez na *perseverança* com que trilhava o caminho da vida, mesmo o da obscuridade, porque (a frase é sua) disse: Gosto de subir, mas não gosto de mudar de escada.

Em verdade, a *perseverança* era apenas a resistência subconsciente do Espírito aos óbices — naquela altura da vida, amolgadores da Alma culpada e carecente das proações da miséria e da humilhação.

Bem menino ainda, longe de sua mãe, sofreu dores no corpo enfermo, passou fome, curtiu chuva e frio, teve por leito muitas vezes o chão duro e mal forrado.

Empregado de comércio caipira, Humberto de Campos desempenhou mistéres rudes e rasteiros, de vassoura na mão ou junto a tanques de lavar vasilhames, sempre identificado com as obrigações que achava naturais e compatíveis com a sua situação subalterna.

Nunca, em tal período de provação inicial da vida, aspirou — invejoso — as culminâncias dos contemporâneos; jámais acariciou realizações que lhe trouxessem aplausos e sagração; em oportunidade alguma freuiu pelas gloriolas de que teve notícia ou idéia, em ensaios de revolta contra a sua colocação na hierarquia social.

Nesse período (êle o diz em mais de uma parte de suas *Memorias*) a ambição só lhe soprou um sonho: ser sócio da casa comercial onde mourejava.

Foi o maior remigio daquela inteligência de ouro, que só o tempo faria polir, pelas mãos do Destino, para brilhar intensamente aos olhos das gerações do presente e do futuro.

Quando o seu horizonte intelectual se elasteceu rumo das leituras, os primeiros livros apetecidos não foram os da literatura propriamente dita, mas os que, incientemente quiçá, lhe iam trazer alguma remota lembrança do passado, e entre êsses a estafadissima — *História de Carlos Magno e dos doze pares de França*.

Leu mais tarde Coelho Neto, que, com uma viagem á terra natal, acendêra grandes entusiasmos em todo o Maranhão. Humberto de Campos partilhou do encantamento e decalcou até alguma debil produção retirada dos livros do festejado escritor; mas, apagado o fervor, quando teve o primeiro contacto com uma biblioteca pública, seu autor preferido foi o mesmo de Santos Dumont

— em identica altura de idade; Julio Verne.

Só alguns mezes depois, levado por indicações que colheu em artigos que compunha na tipografia onde trabalhou, e também hauridas em palestras que ouviu, perdeu-se no labirinto de Max Nordau, Ernesto Hæckel, Luiz Buchner e outros grãos-mestres do materialismo científico, crítico e filosófico.

Bracejando dentro da treva ainda espessa que lhe sombreava o entendimento, êle buscou assimilar a algebra da ciência que lhe vinha explicar os fenômenos da vida, a razão de ser de muitas cousas que o raciocínio não sabia enfrentar; procurou trazer do fundo do próprio EU a claridade que lhe iluminasse aquele ambiente de palavras meio hieroglíficas — destruidoras de todos os sentimentos religiosos e de todos os temores ditados pela intuição da idéia de Deus.

Lendo quanto lhe era possível, nunca teve idéia de vir a ser escritor. Nunca.

Um livro de vulgarisação da filosofia positivista trouxe ao seu entendimento um pouco de esperança na primazia do homem sobre todo o universo, mas não lhe apagou o sentimento recôndito que vigiava pelos rumos definitivos, entretendo-o apenas com idéias provisórias, até que chegasse o tempo da ascensão da futura glória das letras pátrias.

E começou a luta de Humberto de Campos, a

debater-se com êle próprio, para entender o negativismo dos materialistas.

Precisamente aí, êsses líderes do Nada despertaram o adormecido passado cultural de Humberto de Campos, trazendo á tona do seu raciocínio conciente a avantajada bagagem de conhecimentos com que viajara através as vidas anteriores.

Agitando as fibras mais recônditas da sua Alma, e falando ao criticismo jacente no seu Espírito, tais autores fizeram o beneficio de trazer-lhe a oportunidade de aquecer ao sol do livre exame as velharias religiosas, salpicadas da ferrugem do passado e enxarcadas pelo enxurro do ateismo negador.

Humberto de Campos confessa que o esforço para compreender os transcendentis problemas versados por aqueles atêus eminentes, ficava acima dos seus conhecimentos e da sua capacidade de assimilação.

E ficava sem destrinçar o *por que* de alguns fenômenos, ainda que contente com a liberdade aparente que as doutrinas negadoras lhe haviam proporcionado.

Criado á solta, num vilarejo de acanhados limites, o menino Humberto aprendeu todas as maldades garotas que na sua idade dão a medida de uma índole má; vivendo em lar onde não havia homens e onde contava com o imenso amor que lhe votava sua mãe; ligado a outros criançaço-

las vadios, que viviam de traquinadas perversas, e mesmo a adultos de impetos facinorosos; Humberto aprendeu tambem uma linguagem imunda de que se servia, nas repetidas explosões de cólera infantil, apesar dos castigos rigorosos recebidos das mãos maternas.

Por isso, tinha êle um vago receio dos castigos com que os preceitos religiosos ameaçavam os filhos desobedientes, os autores de atos perversos; mas, quando o materialismo quebrou em seu entendimento ainda rudimentar a idéa de Deus, de uma outra vida de reparação e arrependimento, — exultou e sentiu-se mais á vontade na intenção de praticar cousas piores, de vez que o Nada da morte tudo apagaria.

Mas, algo velava pela responsabilidade futura do seu próprio Espírito.

A seus olhos veio a leitura de Samuel Smiles, o autor dos livros mais sadios que se possam exigir para formação do caráter e disciplina da atividade.

Recebendo indelevel impressão dos profundos ensinamentos moraes que neles se encontram, fez desse livros seus verdadeiros mestres e seus defensores no juri espiritual onde seriam julgados os criminosos princípios do ateismo, homicidas da sua ingenua crença de adolescente.

Segundo Max Nordau (Humberto o lembra), a memória, isto é, a repetição de um determinado pensamento, era consequência de movi-

mentos sanguíneos acionando celulas cerebrais; no entanto (raciocinio de Humberto), o gramofone — simples máquina, repetia mais do que o pensamento, a voz humana, sem intervenção de neurones e das cordas vocais.

Era a prova de que, dentro do anão humano dos livros, havia o héracles do subconciente: o Espírito.

E, assim, por entre essas crises de espiritualidade que lhe assaltaram a alma aos três lustros de existência, sentindo em choque constante, no subconciente, as leituras que fizera (Buchner e Smiles, Comte e Coelho Neto), o futuro escritor — glória das letras brasileiras — foi emergindo de si próprio, aprimorando sua cultura, sem recursos pecuniarios, nem possibilidades que lhe permitissem aspirar um diploma de doutor das academias científicas.

E afinal venceu, porque trabalhou, sentiu a verdade dentro das lutas, auscultou a predestinação das creaturas no scenario das realidades, e só não viu através a cortina da Dúvida porque lhe faltou coragem para levantá-la e espiar no além-da-vida terrena.

Trabalhou, subindo os grandes rios amazonicos até ás regiões ingratas dos seringais, onde as febres se embocam em remansos paludosos; auscultou a predestinação das creaturas, observando a triste condição dos servos daquelas glebas, verdadeiros escravos na terra da liberdade

maior; contemplou o cenário das realidades, constatando o contraste entre o sacrificado extrator do latex precioso, sempre pobre, anônimo, febricitante de paludismo, preso ao patrão-senhor, — e o ricoço que, nas capitais, frêe o sangue, a vida, a tristeza, as lágrimas, as desesperanças daqueles párias, mudadas no conforto dos palacetes e nas alegrias do vinho de luxo, existências consumidas e transformadas em ouro para enfeite das verdes flanelas que forram as mesas de jogatina nos cassinos elegantes.

É só não viu além das fronteiras da vida, porque não testemunhou — *de visu* — o sofrimento castigador que tritura, no remorso e no desespero, os Espíritos culpados, nos insondáveis arcanos das consciências, na Terra e no Espaço.

Mas não foi perdido o fruto de tais observações. Ele escreveu para a imprensa emocionadas páginas de narração e defesa, sobre a situação humilhante e sacrificada daquela gente, novos calceas do trabalho forçado.

Foi o primeiro traço que o indicou á notoriedade entre os homens que escrevem para o público, embora ele (que jámais pensava em ser escritor) houvesse cogitado apenas em protestar contra o regimen cruel dos seringueiros e pedir para isso a ação do Governo.

Ingressando, a seu tempo, na aristocracia do jornalismo que vicejou nas terras da Amazonia, na época de Eliseu Cesar, Dias Fernandes, Paulo

Maranhão e tantos outros, ali seu Espírito reconstituiu decerto muitos quadros das existências anteriores, quando estudou os costumes quixotesicamente pródigos dos tabaréus enriquecidos nos seringais, e observou o luxo importado da Europa pelos magnatas da política e do dinheiro.

Foi nesse período, de primeiras alternativas, quando ainda escrevia nas colunas da oposição, que completou talvez o derradeiro estágio preliminar da sua ressurreição intelectual, antes de tornar-se, ali e na metrópole brasileira, um dos altos expoentes dos talentos literários do seu tempo, como que a documentar que o valor das inteligências é interior e independe de grande saber e de grandes ambientes sociais preparatórios.

Quiçá, por força de tal disposição inata, Humberto de Campos disse do seu feitio: "Não gostava de estudar; mas gostava de lêr".

Iniciando sua vida de plumitivo, Humberto de Campos revelou ser um grande e elegante psicólogo, que sabia mesclar a um incidente banal da vida quotidiana o comentário erudito, cheio de observação e filosofia, exteriorizando um Espírito seguro dos seus pontos de vista.

Mas, onde haurira êsse aticismo, aquela ironia finamente sarcástica com que pontilhava as referencias aos ridiculos de todo genero?

Quem lhe deu, no ambiente plebeu da matutada que fingia de elegante e culta, o dom de al-tear-se — sem mestres — ás culminâncias de

crítico simpático ou justo, bitolando o perfeito e o censurável nas medidas exatas da verdade?

Amadurecendo seu entendimento num meio infestado de adventícios, para os quais a *Canção do aventureiro* (do *Guaraní*, de Carlos Gomes) poderia servir de primeiro versículo da GÊNESIS da sua Bíblia, Humberto de Campos subiu para os minarêtes do bom-senso, ao invés de descer a escadinha que conduz á piscina de lôdo onde se banham as consciências sem escrúpulo.

Viu decerto muita vez o ricaço pachola, para acender o charuto, tirar do combustor de gaz a chama com uma cédula de quinhentos mil réis...

E então observou serenamente, sem a invejosa revolta que faz de cada fracassado um socialista — noivo do Comunismo, todas as contingências inelutáveis das sociedades, e tirou as equilibradas conclusões da — harmonia dentro das desigualdades — que lhe nortearam a existência de homem pobre e trabalhador incansável.

Compreendeu que a vida se rege por uma série de leis naturais que ninguém pôde modificar, e que as colectividades se governam pelas convenções que consultam aos interesses dos mais fortes.

Respeitar essas leis e essas convenções, eis a maneira do individuo entrar e vencer na harmonia da vida comum.

Só com a sua inteligência estelar, com o altivo desejo de trabalhar pelo pão de cada dia, dentro da lei divina que para isso impoz o "suor do

rosto" aos Espíritos culpados, Humberto de Campos, com a mesma pena, feita de — perseverança — escreveu o nome na lista dos parlamentares da Camara dos Deputados e o inscreveu tambem na elegante immortalidade da Academia Brasileira de Letras.

Servido por um talento, que era brilhante do mais alto quilate, tanto fulgia á luz solar, nas primorosas crônicas de commentário elegante, quanto fulgurava á brancura lunar, nas facecias salgadas que era preciso esconder nas sombras da noite, para que não se visse o rubor que acendiam, equações de riso — simbolisadas algebricamente por XX...

Para não acotovelar concurrentes, subiu pelo meio da escada, deixando os corre-mãos aos trôpegos, e assim venceu sem polêmicas, sem invejar ninguém, sem o cabotinismo de bater aplausos á frente dele próprio, sem conduzir no bolso vidros de pó doirado para derramar sôbre os tamancos da fatuidade endinheirada, novo engraxate a polir de lisonja os coturnos dos que dão boa gorgeta.

E' que naquele engenho cerebral só se produzia o mel alvejável que assucára as emoções das sãs leituras, e nunca a bagaceira que embriaga de sentimentos malsãos as mentes afeitas a beber nos livros e jornais o aperitivo com que aguçam o apetite para os banquetes infernais da intolerância política ou religiosa.

E' preciso admitir a predestinação do Espí-

rito — na escolha das provações — para compreender *por que* Humberto de Campos não se atolou nas corruptelas, transigindo, venalisando-se para nadar em conforto e banhar-se de luxos requintados nas praias e cassinos.

Desde antes de ingressar na imprensa carioca, ainda na Amazonia, os seus escritos mostram uma conceituação filosófica que não teve tempo de aprender nos compêndios tabaréus do interior nortista, nem no rápido estágio do periodismo local.

Naquelle cenáculo de talentos que fulguraram na *Provincia do Pará* não havia logar para tatibitatis primários, nem professores para ensinar o *abc* do jornalismo a matutos de boa vontade.

Humberto de Campos teve contacto com os governantes dali, secretariou o arbitro da política paraense, o então indiscutível — Antonio Lemos, teve nas mãos todas as oportunidades para fazer negocios e amealhar fortuna; mas, quando tudo mudou, e a turba apedrejou os idolos da véspera, desmoronando os templos da antiga devoção, a Humberto de Campos, de quanto lhe viera para os bens patrimoniais, só lhe ficara a sua pena de ouro, com a qual escrevia — molhando-a às escondidas no próprio coração.

Foi com êsse cabedal (verdadeiro tesouro, decerto, para quem o sabe movimentar) que chegou ao Rio de Janeiro, onde venceu pelos fulgores de um Espírito que ressurgia para a vida intelec-

tual, trazendo nos baús do subconciente a indumentária completa para os grandes festins da Inteligência.

Percorrendo-se as crônicas de Humberto de Campos nota-se o estranho consórcio de uma filosofia profundamente erudita e sintética, de cunho espiritualista, com uns laivos, esporádicos e típicos, daquele naturalismo que fez certa fama do teatro grego — tão flagrante na *Lisistrata*, de Aristóphanes... E quando escreveu naturalismo algo mais crú, talvez fosse para dar ao bolso mal provido a moeda devida ao merceeiro...

Cioso do seu cabedal, o Espírito de Humberto de Campos não se banalisou nas arremetidas boêmias contra a garrafeira dos botequins afidalgados ou não, ou para cortejar a popularidade, a espalhar ditos, em pilulas de galhofa, para gaudio da gente que ama e cultiva a pornografia.

Sem empáfias de senhor das letras, sem impingir-se — á fôrça de dizer: aqui estou eu! a glória literaria lhe chegou ás portas do lar e lhe deu ingresso para o Panteôn dos verdadeiros imortais.

Não adulou governos, nem deitou a tarrafa do elogio venal, para pescar o peixe vitalício de uma boa sinecura burocrática.

Agradou, é certo, alguns políticos e literatos; mas o fez com a linguagem carinhosa de amigo, e não com a reverencia do cortejador que se percebe estar semeando — para colher mais tarde...

Esmerilhando-se particularidades da vida do

grande escritor, possivelmente se lhe notarão jaças no diamante do seu carater; mas, é preciso compreender Humberto de Campos em toda a extensão da sua personalidade espiritual, frisando as condições especialísimas que assinalam os responsáveis por grandes culpas do passado, quando reincarnam para uma vida de resgate.

Sempre tocados de mediunidade, êsses Espíritos são accessíveis a influências e arrastamentos ligados ás afinidades das existências anteriores, e, por isso, têm atitudes bem díspares — nem sempre explicáveis dentro do padrão de conduta ou das exigências das condições sociais do indivíduo.

Também é mister atentar para o profundo pessimismo que a vida de Humberto de Campos armazenou durante a estadia no norte do Brasil, onde os costumes obedeciam a usos e necessidades locais.

Educado na pobreza descuidada e desprovida de tudo que alicerça um bom início de vida, êle, pobre garoto — cuja riqueza única foi o imenso amor que sua mãe lhe consagrou, vicejou isolado, com o estigma da feiura plástica que o tornára desconfiado e arredio, sem exemplos de moral sadia (inclusive em parentes — de família á margem da lei); êle não teve, na sociedade mais alta em que ingressou, exemplos fortemente sãos, nobilitantes, elevados, que lhe apagassem as indeléveis impressões que armazenára na memória.

Bem ao contrário, o espetáculo que se lhe apresentou foi o de uma turba que se entredevorava, na ânsia de ganhar dinheiro, na febre do *ensilhamento da borracha*, sem escrúpulo no sacrifício dos seus semelhantes, tripudiando — impunes — sobre as mais comesinhas leis de humanidade.

Por outro lado, gosadores indiferentes aos males alheios, em orgias permanentes de gastar dinheiro, tomando cóquetêiles de champanhe, espojavam-se nos vícios do jogo e da sensualidade, sem que represália alguma lhes viesse sobre o egoísmo empedernido.

Sem fé, tendo atravessado o mar da Dúvida, sem conseguir atinar com o porto da Certeza, seu espírito religioso ficou, após o insucesso da viagem, bordejando nas aguas mórnas da Indiferença.

Por isso, quando ingressou num ambiente e numa situação para a qual não estava preparado, o — homem — nem sempre teve a firmeza que o — Espírito — guardou no rumo.

É também por isso, talvez, quando as glorificações lhe chegaram, não teve a alegria de viver, porque, desde então, muito lutou e muito sofreu, presa de um mal terrível que lhe atormentava o corpo, permitindo-lhe, ás vezes, sonos de uma hora apenas, deixando-lhe só a lucidez para medir a extensão do seu drama, vendo-se — êle — o festejado literato predileto da época, acorrenta-

do pela Dôr, enquanto os mediocres, os rimadores das favelas e das silabadas matutas palmilhavam livremente as avenidas...

Conduzido por invisíveis mãos protetoras e amigas, chegou ao pináculo de uma vida, que devia terminar cedo, oferecendo a eloquente lição sintetizada na sua existencia de sagração e amargura, fundidas num vinho fascinante de perfume, mas terrivelmente amargo de tragar.

É a santificar e a explicar o calvário da sua reencarnação — ei-lo formidavelmente resignado, mostrando o Espírito, enriquecido no passado, a sofrer todas as penurias no resgate das culpas, a lutar heroicamente até final.

Sem isso, a sua reencarnação teria sido inócua, quasi estéril, talvez em pura perda, valendo por uma estagnação temporária na ascése para estágios de mais alta perfeição.

O seu fim, de torturas, é a tinta forte a ressaltar o fundo do quadro: o palacio da Glória, a cuja porta a Morte o espera com o seu fatal amplexo.

É até essa esplendida vivenda, onde tambem vive a Fama com as suas tubas de oiro, êle chegou sem perder o trilho.

Infante, correu sérios riscos de mergulhar no nomadismo parasita, desajudado que foi de qualquer educação vigilada e eficientemente moralisadora; moço, caiu num ambiente em que as seduções fascinaem e subjagam em múltiplas vo-

lúpias, e onde se aprende no bilhar do fingimento as carambolas dos amores ilicitos, no pôquer da vida a blefar os incáutos, na Bolsa dos deshonestos a impingir apólices que representam contos-do-vigário.

Depois, chegando mais alto, si se dobrasse ás tentações da situação reinante, teria metido fundo as mãos nos cofres dos favores públicos, tirando de lá aquela farta côdea de pão desavergonhado que dá para sustento durante um bom resto de existência; si obedecesse aos acenos da coíça e da inveja, Humberto de Campos teria sido um dêsses *socialeiros* disfarçados, que gritam contra as injustiças sociais, achando as riquezas e bens mal divididos — só porque não lhes está nas unhas sujas um bom quinhão de dinheiro e de honrarias.

Guardado, porém, pelos invisíveis Amigos que o confortaram e lhe estenderam mãos compassivas, êle viveu — homem do seu tempo, sem laivos angelicos — uma existência útil de bom brasileiro, que enriqueceu o patromônio literário da sua terra, pagando o pesado tributo lançado sôbre as grandes inteligências — quasi sempre em conta corrente devedora no Passado.

Sem resignação para sofrer, teria fugido ao cárcere da Dôr, pulando a janela do suicídio, mesmo indiretamente, enfiando-se na vida meio inconciente dos *boêmios* que não se respeitam e preferem mostrar-se em público quando a policia

está cochilando de cansaço nas rondas.

Seus escritos não têm jeremiadas de injustiçado da Fortuna, e, na medida da sua beleza e da sua forma erudita e adequada, guardam a linha réta que vai do — Humberto de Campos moço, festejado e próspero, ao — Humberto de Campos enfermo, atormentado de sofrimento e de responsabilidades pecuniárias, que o seu cérebro media e provia quotidianamente.

Trabalhando até às vespertas de baquear sob a ininterrupta agrua de um mal progressivamente doloroso, êle ficou, sem orgulho, mas ativo, esperando que a Morte lhe viesse arrancar das mãos a pena incansável no ganho honesto do pão quotidiano.

A sua coragem na luta pela vida não teve crises de anémia.

Seu Espírito trouxe reservas de resistências, e com êsse mealheiro atravessou revézes tremendos, sem choramingar a piedade humilhante de quem quer que seja.

Muitas vezes, quando fazia pender a fronte exausta sobre as mãos, terá tido, possivelmente, a visão indecisa de um amigo imponderável a encorajá-lo a suportar impávido todas as amarguras, sem blasfêmias, sem murros de revólta sobre a mesa do labor, que os seus olhos, semi-fechados pela moléstia, cada vez menos divisava.

E assim misteriosamente confortado, Humberto de Campos oferecia a surpreendente apa-

rencia de uma creatura que, durante a noite, tomava injeções de dores, para, durante o dia, sentir-se mais forte na resistência ao sofrimento.

Certo, êle se considerava um enterrado vivo; mas, nêsse mesmo paralelo, mostrava a quietude dos mortos — que jámais podem protestar contra o dominio térreo do silencio e contra o reino perpétuo da treva que soberanos são das sepulturas.

Si escrevia chorando, as lagrimas eram transformadas na tinta melancolica e emocionante que emprestava às palavras uma ressonancia de poesia dolorida, de místicas melodias vibradas de alma para outras almas gêmeas, num misterio indefinivel de piedade e dôr. E quando as mãos anquilosadas pela intumescência mórbida só lhe permitiam o trabalho em máquina de escrever, ainda o misterioso élo parecia transmitir aos corações dos leitores as pancadas do teclado, levando em cada letra um soluço do cruciado Humberto de Campos — que com êsses soluços gravados no papel oferecia ao mundo os seus derradeiros poemas de amargura e resignação.

Nem mesmo a doçura suavíssima da crença religiosa atenuava o drama silencioso daquele esboroar de corpo heroico, talvez para que não parecesse ser a sua conformação ao sofrimento a simples consequencia de auto-sugestão inhibitoria, de misticismo fanático a galvanisar-lhe a alma na resistencia á dôr física.

E isso ainda mais agranda a delicadeza, triste

e resignada, com que agradecia as manifestações de simpatia recebidas, olhando com a tolerancia de um apóstolo de brandura os testemunhos da alheia fé.

Já em 1933, nas columnas de um dos nossos prediletos jornais, o *Diario Carioca*, Humberto de Campos deixava este lapidar e eloquente documento de terna e comovida simplicidade:

“Uma das ultimas publicações que fiz nesta fôlha antes que a gripe me puzesse “knout-out”, constou apenas da transcrição de alguns trechos do meu “Diario”, relativos a dois mezes de 1931, e teve, mesmo, como titulo, “Diario de um enterrado vivo”. Gritos de alma, gestos surdos de um coração no fundo de uma existência calada. Agonia ignorada de todo o mundo. Pedidos de socorro... levantados num subterraneo deserto. Gemidos, enfim, de um homem que se habituou a gemer com os lençóis na boca, afogando-se a si próprio, para não perturbar o sono do seu visinho.

A denúncia imprudente desse sofrimento, agora, encontrou, todavia, repercussão em algumas almas caridosas. Dez ou doze cartas me vieram ás mãos, trazendo, cada qual, uma palavra de solidariedade e de conforto. Pessoas que jámais vi, corações que jámais palpitarão nas proximidades do meu, deixaram os seus cuidados quotidianos, gastaram o niquel do seu pão ou do seu cigarro no selo da franquia postal, e enviaram ao trabalhador ferido e pobre o remedio que lhe podiam dar.

— Estou ás suas ordens, — dizem alguns dos missivistas; — estou pronto para, sem nenhuma retribuição, ser o seu datilografo, e fixar o seu pensamento, quando lhe faltar de todo a luz dos olhos!

— Continue essa admiravel lição de coragem, re-

cebendo de cabeça erguida a sentença do Destino! — incentivam-me outros.

E outros, ainda:

— Volte-se para Deus; prepare a sua morte com a sabedoria cristã que a misericordia divina lhe forneceu e que não soube utilizar na edificação da sua vida. Aproveite a luz que bruxoleia no fundo do seu espirito, e peça á Igreja o consolo que o mundo lhe nega.

Três desses missivistas, compadecidos, me apontam, porém, para chegar á presença de Deus, e obter aqui mesmo na terra as suas graças, outro caminho: são almas caridosas que me desejam vêr, não livre dos tormentos do Inferno na outra vida, mas da cegueira completa, que continua a processar-se, aqui mesmo, neste mundo. E os signatários, que se revelam todos, além de bondade de coração, de cultura de espirito, me dizem, com insistência afetuosa:

— Por que não tenta o espiritismo? Por que, se a Ciência dos homens lhe tirou a esperança, não tenta o sobrenatural? Não precisa crêr; ninguém exige a sua adesão; mande consultar um “medium”, siga as prescrições que êle lhe dêr, e espere. Não precisa fé. A bondade de Deus é para todos os seus filhos. O senhor pode receber a parte do Filho Prodigio.

Ante essas manifestações de interesse pela sorte de um humilde escritor doente, é natural que esse escritor demonstre a esses amigos generosos e desconhecidos que não é por orgulho, ou por intolerancia filosófica ou religiosa, que ainda se não curou. Não foi o enfermo que recusou os recursos da medicina sobrenatural: foi a farmácia prodigiosa e invisível que se fechou deante dele. E como todos os acontecimentos da minha vida constam do “Diario” que ainda agora determina esta explicação pública, limito-me, para este esclarecimento, á cópia de duas paginas desse livro íntimo. Ei-las:

“DOMINGO, 14 DE AGOSTO 1932 — Ha um

mez, mais ou menos, mme. F., proprietária da pensão em que atualmente resido, perguntou-me se acreditava no espiritismo. Respondi-lhe com um gesto vago, mas em que havia mais negativa do que afirmação.

— Eu também não creio, — respondeu-me; — mas, tais são as cousas que tenho visto, e tantas as curas por espiritismo, que fico na dúvida, sem saber o que pense a respeito.

E conta-me o seu caso, e o caso de amigas e conhecidas suas, cujas enfermidades foram diagnosticadas, e curadas com receitas fornecidas pelos “mediuns” os quais chegaram a corrigir, algumas vezes, médicos ilustres anteriormente consultados. E conclue:

— Por que o senhor não experimenta o espiritismo? Si o senhor quizer, ponha o seu nome, a sua idade e a sua residência em um papelsinho, que eu dou a meu marido e elle faz a consulta.

Dou-lhe a papeleta, com essas informações pessoais. E esgota-se a primeira semana. Decorre a segunda. Termina a terceira. E não me lembrava mais do caso, quando, esta manhã, mme. F., empurrando levemente a porta do gabinete, onde eu escrevia tranquillamente, pediu licença e, entrando, encostou-se á mesa.

— O senhor deve estar aborrecido comigo e com F., — começa, ao mesmo tempo que calça as luvas, pois que vai sair para a reunião dominical da sua igreja protestante; — mas meu marido não se esqueceu do negócio do espiritismo... Elle está é embaraçado para lhe dar a resposta... O senhor é, porém, um homem superior, e não ignora a gravidade da sua doença. De modo que eu achei melhor vir lhe dizer logo a verdade.

Toma folego. Desabotoa as luvas. Abotoa-as

novamente. Continua:

— F... (o marido) foi a duas sessões de espiritismo, e tanto numa como na outra, com dois “mediuns”, que não conheciam um a resposta do outro, o resultado foi o mesmo: isto é, que o senhor está muito doente e pode morrer de um momento para outro; de modo que nem vale a pena receitar... Os espíritos acrescentam que o senhor abusa muito da sua saúde, mas que o médico que o senhor tem é muito bom...

E notando, parece, em mim, o efeito da notícia:

— E’ possível, porém, que isso não seja verdade... No meu caso elle acertou... No de S... também, e em todos os outros... Mas, no do senhor pode não dar certo... De qualquer modo, o senhor é um espírito forte, e é melhor estar prevenido...

Um frio irresistível me corre pela espinha. Agradeço a informação, simulando serenidade, e mme. F... retira-se. O coração bate-me, descompassado. Tenho a impressão de que vou desfalecer. Ponho-me de pé, buscando respirar com força. Deito-me. Levanto-me. Passeio pelas duas salas desertas, atônito, o pensamento em desgoverno, como quem acaba de receber uma violenta pancada no crâneo.

Afinal, eu creio ou não creio?”.

Aí está uma explicação, sincera, leal, aos espíritos que me escrevem, interessando-se pela minha saúde. Bati, embora sem fé, ou mandei bater por mão alheia, á porta em que todos recebem esperanças e consolação. E o que de lá me veio, foi, ainda, como vêm, a desilusão e a Dôr...”.

Hoje, quantos têm entendimento de entender, podem constatar que o grande e querido escritor — chamado, na Terra, Humberto de Campos,

nunca esteve abandonado daqueles Sêres que aparecem aos olhos do vulgo inciente como constituindo o — sobrenatural.

As mensagens do Espírito de Humberto de Campos identificam, pelo texto e pela mesma vibração de beleza das do Humberto de Campos — homem, a continuação da vida intelectual, dêste, naquele.

Si, ás horas do sofrimento do corpo, não veio o remedio material, descia de lá a aura de coragem resignada para balsamisar a provação do Espírito na subida do seu calvário, até que chegasse o momento do testemunho.

E o testemunho aí está, reiterado em páginas de encanto e ensinamento, a caminho de uma biblioteca, a que ficará ligado também o Espírito meigo e sensibilibssimo do medium, Francisco Candido Xavier.

Do fundo da minha humildade absoluta, não tenho autoridade para pedir cousa alguma a êsses gigantes do Espiritualismo, onde milita um EM-MANUEL, e onde já fulge Humberto de Campos; mas, apesar disso, tenho o desejo de suplicar que sôbre a Alma de cada um dos leitores de tais mensagens desça a luz da crença, ou, quando menos, uma sensação de bênção, de paz, de conforto, de esperança serena, de confiança no futuro, um propósito de melhores sentimentos, a PAZ DA CONCIÊNCIA, tudo para maior glória do Espírito de Humberto de Campos, na verdadeira glória da VIDA ETERNA !

NOTA FINAL

sobre o médium

Francisco Candido Xavier

(por Almerindo Martins de Castro)

Agora que a produção literaria mediúnica, vehiculada pelo lápis de Francisco Candido Xavier, conquistou o respeito de eminentes vultos das nossas letras, inclusive o maior dos criticos brasileiros, Agrippino Grieco, cabe aqui um despretencioso, mas sincero apêlo a todas as almas bem formadas que hajam percorrido as páginas de tais trabalhos, no sentido de não acolherem as injustissimas suspeitas que pessoas menos tolerantes atiram sobre os sentimentos e honorabilidade intelectual daquele médium.

A palavra Espiritismo não deve constituir motivo de anátema, por isso que não retira da creatura a condição de filho e crente no mesmo Deus supremo das religiões. A faculdade mediunica não é um caracteristico de seita religiosa, que inscreve a creatura no rol dos espiritas ou na nomenclatura dos epilêpticos.

Dom indefinido ainda, porque só se lhe conhecem os efeitos, com êle vêm á vida terrena sêres que adotam na maturidade idéas diversissimas em materia de crença, sem que êsses antagonismos — meramente individuais — alterem no mínimo a dita faculdade espiritual.

Manifestações mediunicas têm sido observadas em pessoas inteiramente alheias ás doutrinas codificadas por Alan Kardec, sem distincção de credo ou idade.

Eloquente exemplo — pelo valor da insuspeição — é o de Pio IX, o glorioso pontifice a cuja envergadura politica se deve a honrosa attitude da Igreja Romana, quando vencida e despojada do Poder Temporal pelos heróis da unificação italiana.